# O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 38.º — Sábado, 12 de Maio de 1945 — N.º 1888

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 35
Comp. e Imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*


# APOCALIPSE DA HISTÓRIA

**pelo dr. ALBERTO SOUTO**

Os acontecimentos teem passado por nós tão céleres, sensacionais, tempestuosos como rajadas.

O que se tem lido, ouvido, sentido e sabido da guerra e das suas conseqüências nestes últimos quinze dias, é tal qual um tufão quando atinge o auge e se desfaz em seguida.

O final da guerra é aquele mesmo que, pelo exemplo da História, eu sempre esperei.

E' um Apocalipse verdadeiro. E' o Apocalipse da História!

Quem conhece o Apocalipse e quem lê a História e sabe meditá-la sem a deformar, não se espanta. O que espanta é como há homens que pretendem ser cultos e que deformam a História para praticarem ou defenderem as monstruosidades que a História mostra estarem incursas no grande Código Penal das leis superiores que regem a Humanidade!

* * *

Quando escrevia êste artigo dominava-nos a lufada das notícias de alta emoção que hoje nos parecem já velhas: as barbaridades alemãs nos campos de prisioneiros, a fome horrorosa da Holanda, a prisão de Pétain, o fusilamento de Mussolini e de alguns dos seus cumplices; a Alemanha partida em pedaços pelas tropas aliadas; Berlim caindo bairro por bairro; a tentativa de Himmler para uma suspensão lateral de hostilidades; o fracasso total dos alemãis e dos fascistas na Lombardia, no Vale do Pó, nos Alpes italianos e, finalmente—a morte de Hitler, a queda de Berlim, a rendição sucessiva dos exércitos alemães, a capitulação do Reich.

Outras notícias desta ordem, notícias decisivas, deviam esperar-se, e eu esperava-as entre o momento em que escrevia e aquele em que aquilo que estava escrevendo circulasse na publicidade.

Essas notícias vieram, vieram em catadupas, sobrepondo-se umas às outras, e chegou a última, a grande, a definitiva—a da rendição incondicional da Alemanha, a da Vitória dos Aliados, a da Paz!

Quem o diria há cinco anos?

* * *

De Setembro de 1940 a Janeiro de de 1941, porém, escrevi eu nêste jornal uma série de artigos sôbre as guerras napoleónicas: *Aniversário do Bussaco, A Peninsula e o grande Império, de Baylen ao Bussaco, Do Bussaco a Santa Helena, Como aquilo acabou!, O regresso das Cinzas.*

O direito da fôrça!...

No meu cantinho deste jornal eu fui contando o que sucedeu a Napoleão Bonaparte, que também planeara subjugar o mundo e vencera todo o mundo, estabelecendo uma *ordem nova* na Europa e oprimindo todos os que não foram instrumentos da sua ambição, com inteiro desprezo pela paz, pela segurança, pela liberdade e pela dignidade dos povos e das nações que, como Portugal, sofreram dores imensas.

Diziam-me, então, alguns adversários de algumas das minhas ideias e grandes apaixonados do nazismo, *que bem se percebia donde eu queria chegar.*

Não era, efectivamente, difícil perceber aonde eu queria chegar, mas eu apontava simplesmente o exemplo da História; a sabedoria popular é que sempre disse que a *História é a mestra da vida.*

Do magno exemplo do malôgro da mais audaciosa tentativa de imperialismo da história contemporânea—a de Napoleão—e dos desastres de outros velhos impérios, extraía eu conclusões que se não podem ser consideradas como leis físicas ou históricas, podem considerar-se *quási-leis*, podem tomar-se como *leis-metafísicas.*

Umas dessas quási-leis ou leis metafísicas, deixem-me assim dizer, por exemplo, exprime-se de há muito por êste ditado que vem do latim: *Deus dementa primeiro aqueles a quem quere perder!*

* * *

E escrevi então:

«O êrro de Napoleão foi, essencialmente, ambicionar o mundo.

Ora é certo que o mundo, ou seja o mundo físico ou seja o mundo humano, não pode ser pertença de nenhum homem, nem apanágio de nenhuma raça, nem propriedade de nenhum povo, nem domínio de nenhum Estado.

Esta lei é suprema e como tal é tão superior à vontade humana como a lei da gravidade ou a lei da gravitação universal.

O poder que ditou tais leis ao mundo e à criação, por ser um poder transcendente e imcompreensivel, chama-se—Deus!

Querer abolir ou alterar essas leis, é atentar contra os desígnios superiores e super-humanos que estabeleceram no Universo a ordem cósmica, a harmonia dos sêres e o equilíbrio das energias.

Os esforços isolados do homem para vencer, momentaneamente e em certa medida, as leis naturais, como a da gravidade, por exemplo, não podem ser crimes contra Deus, porque são meras insignificâncias do engenho humano ou da luta pela vida; e Deus infinito não pode sentir-se perturbado por meras insignificâncias.

Mas o homem que adquirisse ciência e poder bastantes para fazer parar os mundos ou baralhar os universos, inquietaria Deus...

O globo terráqueo nunca foi domínio de um só elemento, nem património de um só dominador. A *ordem na liberdade* parece ser o escopo da vida pelos ditames da própria natureza. Nem o fogo, nem o gêlo, nem a água subjugaram de todo, alguma vez, a terra habitada, nem nenhum dos géneros ou das espécies vegetais ou animais preponderantes nas várias épocas geológicas teve sôbre a criação um poderio absoluto.

Expansão, opulência, engrandecimento temporários, sim; império e domínio total, nunca!

Como a terra está dividida em continentes e oceanos, em zonas climatéricas e em muitos compartimentos geográficos, sempre esteve dividida em povos ou nações, em porções mais ou menos extensas, habitadas por diversas raças ou por diferentes famílias, géneros, espécies, variedades e indivíduos.

As raças humanas, as línguas, as religiões, os costumes, as leis dos agregados sociais tiveram, também, em todo e sempre, tal diversidade, que o facto deve considerar-se como lei imposta à natureza, e implicitamente à natureza humana, pelo supremo Poder que tudo criou e que excede a capacidade de percepção do nosso intelecto.

Só a ambição pagã e essa vaidade demoníaca de igualar Deus, ambição e vaidade que o mito bíblico simbolizou na tentação do paraiso e no pecado original, é que podem insuflar num cérebro humano a ideia satânica do domínio da terra, da escravização dos povos, da opressão das nações e do total império do mundo.

O totalitarismo dentro do Estado e dentro das nações é um despotismo pagão, materialista e ateu, anti-humano e anti-divino.

Quem concebe e dá corpo a tal ideia, e dela se torna obreiro, afronta o poder divino e a dignidade humana, porque ofende uma lei suprema, intangível, eterna e universal.

Napoleão, com o seu poderio, foi tão longe e subiu tão alto que chegou a incomodar Deus, como genialmente disse Vítor Hugo.

A sua ambição, que não tinha limites, afrontava o Todo Poderoso. Por isso, no intender profético e apocalíptico do autor dos *Miseráveis*, «*a derrota de Waterloo é a projecção da sombra de uma grande mão.*

*Waterloo foi o dia do Destino. Foi a fôrça superior ao homem que a produziu. Encarregou-se dêsse trabalho Alguém a quem se não replica. Houve lá mais do que núvem: houve meteoro. Foi Deus quem sou!*»

* * *

E contei que o sr. Hitler fôra ao seu domínio de Paris visitar o túmulo de Napoleão, para junto do qual mandara ir, do seu domínio da Austria, os restos do pobre *Aiglon*, filho do grande corso e da impúdica princêsa austriaca que se chamou Maria Luisa.

E preguntei cá do meu canto: Que é feito do império de Alexandre, do Império Romano, do império de Carlos Magno?

Que é feito do grande império da França e do império de Napoleão—o Grande?

Tudo desfeito em cinza!...

«*Terá o Führer pensado nisto, quando se debruçou, há pouco, nos Inválidos, sôbre as cinzas de Napoleão?...*»

* * *

Publiquei estas palavras em 4 de Janeiro de 1941. A minha profecia era apenas a profecia da História.

Estamos em Maio de 1945. Dos dois impérios do Eixo, dos impérios de Mussolini e de Hitler, apenas restam cinzas!

Cinzas e horrores e horrores e cinzas.

E ruinas.

E cadáveres!

Horrores, cinzas, ruinas e cadáveres sôbre a terra fumegante, sôbre a terra fétida dos corpos mal sepultos, da miséria dos mártires semi-vivos; e mal enxuta do dilúvio de sangue e lágrimas da mísera Humanidade!

* * *

E' mais um imenso e formidável castigo que fica na História.

O cérebro dos chefes dos exércitos aliados foi guiado lá do alto inatingível pela *Grande Mão* de que falou Vítor Hugo.

Aqui, também, como em 1815 na decisiva e pavorosa batalha de Waterloo, há mais alguma coisa do que exércitos vitoriosos e do que exércitos derrotados; há mais do que *núvem*; há *meteoro!*

A rajada dos acontecimentos actuais, final do grande ciclone, é o golpe do eterno gládio da Justiça Imanente—é o sôpro da justiça de Deus que vai a passar sôbre a terra caliginosa!...

# O Angola e Metrópole

Ao cabo de 20 anos de prisão, a maior parte do tempo cumprida na Penitenciária de Lisboa, onde teve comportamento exemplar, saiu agora em liberdade o principal autor dum crime de certa repercursão internacional e que se chama Alves dos Reis.

Antigos ministros e um diplomata, além doutras individualidades de destaque, foram envolvidos no processo, cujo corpo de delito assentava numa emissão clandestina de notas de 500 escudos do Banco de Portugal, como o público teve conhecimento.

E assim terminou o último acto do grande e sensacional caso que tanto deu que falar após a sua descoberta.

## CONTINUA A ESTIAGEM

Não há maneira da chuva se resolver a caír com abundância pelo que se persagia, para o verão, menos água ainda que o ano passado.

Chega a ser arreliante.

## O preço do papel

Vai subir, começando a vender-se mais caro do dia 15 em diante—diz uma nota chegada até nós.

Escusado será acrescentar o resto, porque se adivinha fàcilmente...

E não passamos disto!

# Obras da Barra

Realizou-se na semana passada sob a presidência do sr. coronel Gaspar Ferreira uma sessão plenária da Junta Autónoma, convocada para se pronunciar quanto aos estudos e possibilidade da construção do porto de pesca e comercio e sua localização, visto ter terminado o prazo do concurso para a segunda fase dos melhoramentos anunciados com o fim de facilitar a entrada e saída dos navios.

O presidente expôz, com inteligência, o seu pensamento sobre as condições a que deve obedecer o porto interior, seguindo-se no uso da palavra os srs. engenheiros Francisco Perdigão, Almeida Graça e Celestino Regala, comandante Almeida Carvalho, drs. Alvaro Sampaio e Ferreira Neves e por ultimo o sr. dr. Querubim Guimarães, que propoz fosse nomeada uma comissão para o estudo do problema em todos os seus detalhes. Desta ficaram fazendo parte os srs. coronel Gaspar Ferreira, eng. Perdigão, comandante Almeida Carvalho, dr. Alvaro Sampaio, presidente do município, eng. Regala, dr. Ferreira Neves, professor e investigador, e Ulisses Pereira, representante do comercio local.

# Jardim Público

—o—

Começaram as obras para a sua transformação, que consiste na cedência de algum terreno destinado ao alargamento da Avenida Araújo e Silva e conveniente arranjo por ir ficar completamente aberto, sem, portanto, os muros e as grades que desde remotos tempos o circundavam.

E' o modernismo, a moda a entrar-nos em casa, como já tem sucedido noutras terras.

# Representantes alemães

Por uma nota oficiosa do Govêrno português foi tornado público que cessou a missão, no nosso país, dos representantes oficiais alemães, pelo que mandou colocar sob a guarda da fôrça pública, depois de os ter feito selar, todos os edifícios onde se achavam instalados.

# IMPRENSA

### Jornal de Santo Tirso

Na passagem para o seu 64.º ano cumprimentamos o colega tirsense e desejamos-lhe as máximas prosperidades.

### Desenhos para a Mulher no Lar

Encontra-se à venda o n.º 125 desta revista de bastante utilidade e interesse para as que desejam decorar com gôsto as suas casas.

Recomendamo-la, por isso, às nossas leitoras.



# Carta de Lisboa

### Hora de Paz

O fim da guerra na Europa foi recebido em Lisboa no meio das maiores e mais entusiasticas manifestações de alegria. O nosso povo, a-pesar-de ter vivido sempre em paz, graças à sábia e patriotica política de Salazar, nem por isso deixava de desejar ardentemente o fim da guerra.

De resto, foi esta também sempre a atitude de Portugal.

Toda a acção do nosso Govêrno foi, aproveitando a nossa situação de neutralidade, procurar o mais possivel humanizar a guerra e ao mesmo tempo ajudar, na medida do possivel, que ela chegasse com a maior brevidade ao seu termo.

Assim, se fomos sempre porto acolhedor a que se abrigaram todos os que, batidos pela guerra, até nós vieram buscar refúgio, dispensando-lhes a maior e mais carinhosa assistência, também na hora própria, quando em nome da aliança luso-britanica a cujas obrigações nunca nos furtámos, nos foi pedida uma mais decidida atitude, porque ela podia apressar o fim da guerra, logo a tomámos. Referimo-nos, como é de ver, à cedência de facilidades no nosso arquipélago dos Açores, graças às quais foi possivel deminuir, até quási desaparecer, a guerra submarina. Com essa atitude de Portugal, tomada no momento próprio, na altura em que se tornou necessária, prestou-se aos aliados um serviço de inestimável valor, que mais uma vez mostrou ao mundo a importancia prática e eficiente de uma amizade de séculos, a mais antiga que o Mundo conhece entre dois povos.

Por tudo isto se entende que as manifestações com que o povo de Lisboa saudou os representantes das nações vitoriosas, o nome e a pessoa de Salazar tivessem sido entusiasticamente aclamados. E' que o homem que soube ser o patriota indefectivel foi também o aliado e amigo fiel—digno e honrado.

CORDEIRO GOMES

# A GUERRA TERMINOU

## Viva a Paz!

**Depois de 5 anos e 8 meses de luta, os exércitos alemães renderam-se incondicionalmente aos aliados, tendo sido na terça-feira comunicado para todo o mundo o restabelecimento da paz na Europa o que representa para êle um alívio e a esperança num futuro de redenção como resgate das perdas sofridas.**

**A assinatura do fim das hostilidades foi assinada numa pequena casa de escola de Reims, e a notícia, logo espalhada através da rádio, causou, como era de prever, a maior satisfação manifestada em transportes de alegria.**

**Nesta cidade os sinos da Câmara repicaram festivamente e nas aldeias em volta queimou-se muito fogo em sinal de regosijo.**

**Portugueses: voltou a Paz. Vamos a trabalhar unidos para que voltem também os dias felizes que já estavamos disfrutando antes da guerra.**

# Tenente-coronel Costa Cabral

Quando já tinhamos a semana passada o jornal impresso chegou-nos a notícia de haver falecido no lugar de Silvã, concelho de Castendo, distrito de Viseu, o tenente-coronel César Amadeu da Costa Cabral, que dias antes, como noticiámos, fôra acometido de doença grave.

Natural de Lamégo veio muito novo para Aveiro, prestando serviço no extinto regimento de Infantaria 24, que aqui esteve aquartelado e também na Guarda Fiscal, cuja Secção comandou.

A' data da implantação da Republica, na gloriosa manhã de 5 de Outubro de 1910, já se encontrava nesta cidade o brioso militar, que tendo enfileirado ao lado dos que faziam a propaganda do novo regimen, foi dos primeiros oficiais a aclamá-la com entusiasmo, tal a alegria de que ficou possuido ao receber-se aqui a notícia de que a monarquia havia baqueado.

Fundou depois um jornal—*A Portuguesa*—que seguiu a política evolucionista do dr. António José de Almeida, e que teve duração efémera.

A quando da Grande Guerra o tenente-coronel Costa Cabral fez parte do C. E. P. à França, onde a sua acção se tornou notada, pois ali prestou excelentes serviços pelo que foi várias vezes louvado, recebendo, como prémio, honrosas condecorações. Eis algumas delas adquiridas durante a sua brilhante carreira militar: Medalha militar de prata, Cavaleiro da Ordem Militar de Aviz, Cavaleiro da Ordem de S. Tiago da Espada, Medalha de prata comemorativa da campanha da França, Medalha de Solidariedade da República do Panamá, Medalha da Vitória, Medalha da Classe de bons serviços, Medalha com o grau de Aviz, etc.

O distinto oficial, que nutria pela nossa terra uma grande afeição, deixa viuva a sr.ª D. Carlota Osório da Costa Cabral e alguns filhos, a quem *O Democrata* manifesta o seu pesar, sentindo o seu desaparecimento de sobre a terra aos 64 anos de idade.

## Notas Mundanas

**Aniversários**

*Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Maria da Glória Pinto, esposa do sr. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria 5; ámanhã, a sr.ª D. Augusta Morais Sarmento Domingues, esposa do sr. capitão Quina Domingues; no dia 16, o sr. Domingos Moreira da Costa, comerciante local, e o menino Britaldo Normando de Oliveira Rodrigues, filho do sr. Luís Manuel Rodrigues, funcionário do Secretariado da Propaganda Nacional; em 17, a sr.ª D. Maria de Lourdes Carvalho Vilaça, filha do sr. Domingos Vilaça, e o sr. Alexandre dos Prazeres Rodrigues; e em 18, as srs.ªs D. Amélia Diniz Freire, esposa do sr. António Nunes Freire, e D. Felicidade Candida Ferreira e D. Adelaide da Costa Crespo, residentes, respectivamente, em Macieira de Cambra e Cruz da Légua (Porto de Mós).*

**Gente nova**

*Com felicidade, deu à luz, terça-feira, uma menina, a esposa do sr. João da Rosa Lima.*

*Os nossos parabens e um futuro ridente para a recem-nascida.*

**Partidas e Chegadas**

*Estiveram nesta cidade os srs. Joaquim Macêdo Vieira e esposa, do Porto; Armando de Almeida e Silva, da Granja; Jaime Lima, funcionário de Finanças em Vila Verde; Joaquim de Deus Marques, empregado na Direcção dos Serviços de Viação em Lisboa; João Simões Ferreira escrivão em Vagos, e João Félix, acreditado negociante na Gafanha.*

*—Está de novo em Aveiro, o sr. Custódio Marques Pitarma, industrial de panificação em Sacavem.*

## HOMENAGEM PÓSTUMA

A *Livraria Central*, da Avenida Almirante Reis, 14 a 14 C mantem o propósito demonstrado quando do aniversário da morte do poeta algarvio Bernardo de Passos de recordar amigos desaparecidos que foram seus editados.

E assim, passando no dia 23 do sorrente o 14.º aniversário do falecimento de Boavida Portugal, que foi escritor e jornalista distinto, a *Livraria Central* enviará, por oferta, livre de qualquer despesa, a quem por escrito lh'os solicite até áquele dia, em que será feita a expedição, dois interessantes opusculos originais do homenageado.

Boavida Portugal era natural de uma freguesia da Beira Baixa, e foi dedicado animador do Congresso Municipalista realizado em Lisboa em 1922 e, a pedido de quem escreve estas linhas, valioso auxiliar do snr. Costa Gomes, presidente da Junta Geral do Distrito de Lisboa, nos trabalhos preparativos do Congresso de que foi organizador.

Aos seus conterraneos se recomenda, em especial, o *brinde* agora oferecido.

## Aos srs. comerciantes e indústriais

Os negócios, hoje mais do que nunca, absorvem, por completo, a atenção e as energias de quem está à testa de uma organização comercial ou industrial.

Por outro lado, qualquer ramo de negócio, para se manter, impôr e progredir, não pode, actualmente, dispensar uma boa publicidade.

Mas a publicidade, além de exigir conhecimentos técnicos profundos que não se adquirem sem uma longa prática, requere muito tempo, para ser bem pensada e realizada, de forma a proporcionar resultados compensadores.

A *Agência JOC*, dirigida tecnicamente por um dos nomes mais conhecidos e estimados em todo o país—José de Oliveira Cosme—o popular Cosme da Rádio, é uma organização modelar no género, habituada a encarregar-se de tôda a espécie de publicidade.

São da *Agencia JOC* os excelentes anúncios da *Farinha Sotrincar* e da *Rapidauto, L.da*, que êste jornal vem publicando com regularidade.

Não hesite, pois! Se precisa de anunciar, seja o que fôr, consulte a *Agência JOC*, que lhe fornecerá um óptimo plano de propaganda, aconselhando-lhe a publicidade mais indicada para o seu caso e poupando-lhe, assim, tempo e canseiras.

*Agência JOC*, R. do Benformoso, 7-1.º—LISBOA.



## NECROLOGIA

No bairro de Sá finou-se, quarta-feira, com 66 anos, o sr. João da Rocha, que no mesmo dia foi a enterrar no cemitério sul da cidade.

Era casado, deixando alguns filhos, entre os quais o sr. Artur Rocha, aspirante na Secção de Finanças, a quem apresentamos condolências.

* * *

Morreu, ante-ontem, de manhã, Alberto Caçola, que em tempos empregou a sua actividade em várias casas comerciais.

Uma grave enfermidade há muito que o torturava, impossibilitando-o de trabalhar. Chegou a estar internado num sanatório de Coimbra, mas de nada lhe valeu por o mal ser daqueles que não perdôam.

Lamentamos o seu triste fim, aos 37 anos, tanto mais que deixa duas creanças, que eram todo o seu enlevo.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Luisa Marcos Cordeiro Novo, de 35 anos, casada com Domingos da Silva Cravo Novo, e em *S. Bernardo*, Adriano de Sousa Marinho, solteiro, de 34.